



Foto: Lucas Seixas | LabFoto

Jornalista baiano é condenado por matérias investigativas

PÁGINA 08

BABEL ● PÁGINA 03
A culinária e a tradição
das feiras de Salvador

RADAR ● PÁGINA 12
Hemodiálise:
Um meio de sobrevivência

BABEL ● PÁGINA 06
Happy hour: outro lado
da estação da Lapa

PARA NÃO SE PERDER...

BABEL – PÁG 3
COMIDA DE FEIRA

TAMBORES – PÁG 5
PALHAÇADAS

BABEL – PÁG 6
A LAPA,
ALÉM DO BUZU

TAMBORES – PÁG 7
O CINEMA
VAI AO TEATRO

RADAR – PÁG 8
MATÉRIA DE CAPA: SOBRE A
LIBERDADE DE EXPRESSÃO

É FEDERAL – PÁG 11
MEMÓRIAS
DA DITADURA

RADAR – PÁG 12
SAÚDE: HEMODIÁLISE
EM DEBATE

TAMBORES – PÁG 14
PERFORMANCE
DE SALTO ALTO

TAMBORES – PÁG 15
FAREJADORES
NA COPA

BABEL – PÁG 16
UELTER RIBEIRO FALA
DA +1 FILMES

EDITORIAL

Caso Aguirre: liberdade de expressão em cheque

A Constituição Federal, no Art. 220, garante a liberdade de pensamento e o direito à informação jornalística. O caso Aguirre Peixoto, matéria de capa desta edição do Jornal da Facom, é emblemático por demonstrar uma clara violação à liberdade de expressão devido a pressões econômicas. Em fevereiro de 2011, o jornal A Tarde deu continuidade a uma série de matérias publicadas em 2010 que denunciava crimes ambientais ocorridos durante a construção do Parque Tecnológico, em Salvador. Depois da publicação, o repórter Aguirre Peixoto fora demitido sem muitas explicações, conforme aponta matéria do portal Comunique-se. As empreiteiras teriam deixado de anunciar no jornal e a demissão do repórter seria uma tentativa de reaproximação. No período, ocorreram manifestações de colegas da imprensa e o caso ganhou repercussão nacional. A organização jornalística voltou atrás e readmitiu o repórter que optou por dar continuidade à sua carreira longe da capital baiana.

Não foi por acaso que as ações criminais e cíveis, que acusam Peixoto de difamação, foram abertas contra o repórter enquanto pessoa física – o jornal A Tarde não foi acionado como autor da reportagem. A demissão do repórter representa não só uma resposta da empresa jornalística aos anunciantes, mas uma tentativa de desresponsabilização pelo que fora publicado. E mais: um compromisso não com o interesse público, mas com os interesses de quem anuncia.

Ao punir jornalistas individualmente, a justiça fecha um ciclo de intimidação ao jornalismo investigativo, que começa nas pressões econômicas aos jornais, e que traz implicações para a própria democracia. O jornalismo exerce a função, no sistema democrático, de fornecer informações para que os cidadãos participem do processo político. Sem jornalismo de qualidade, não há democracia sólida. Se não é garantida a liberdade para que o jornalista investigue, sem nenhum tipo de coerção que não os princípios éticos da profissão, a própria democracia está em cheque.

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso
do curso de Jornalismo - Segunda edição, semestre 2014.1

Queiroz, Matheus Vianna, Pollyanna Couto, Salete Souza,
Vinícius Arnaut, Vitória Régia

Reitora: Dora Leal Rosa

Diretor da Facom: Suzana Barbosa

Coordenação Editorial: Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Editores chefes: Clarissa Viana E Edvan Lessa

Editores de fotografia: Bruna Castelo Branco

Repórteres:

Aline Valadares, Amanda Moreno, Analú Ribeiro, Bruna Castelo Branco, Caio Cruz, Clara Rellstab, Debora Rezende, Filipe Moreira, Gabriela Galeno, Gustavo Salgado, Isabela Garrido, José Ednilson Almeida, Júlia Sarmento, Laís Matos, Lorena Correia, Lorena Morgana, Luis Eduardo Dantas B.

Fotógrafos:

Adele Audisio, Bruna Castelo Branco, Carolina Pereira,
Davi Arteac, Dudu Assunção, Jéssica Lemos, Lucas Seixas,
Luis Augusto, Milena Abreu, Salete Maso

Projeto Gráfico: Amanda Lauton Carilho/EDUFBA

Diagramação: Edson Sales/EDUFBA

Distribuição gratuita

 [facebook.com/jornaldafacom](https://www.facebook.com/jornaldafacom)

JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia - Brasil

EXPEDIENTE

“Fulano foi à feira, não teve o que comprar, comprou... comida”

Comidas tradicionais mantêm clientes antigos e atraem em São Joaquim, Itapuã e Sete Portas



Dona Sônia conquista novos clientes na feira de São Joaquim

Júlia Sarmento

A massa feita com a mão é levada à boca. Um pouco de feijoada regada a muita farinha e, para acompanhar, um copo de café. Mastiga, mastiga. O celular toca, limpa a mão na camisa e atende. Ainda com a boca cheia, o cliente do Bar e Restaurante Novo Visual, na Feira de São Joaquim, pede a conta. É assim, todos os dias, há 25 anos, sempre às 8:30h da manhã.

Dona Sônia serve em seu bar feijoada, rabada, frango assado e mocotó, acompanhados de salada

com molho de pimenta. Tudo ao preço de 12 reais. Figura conhecida do local, há três anos foi realocada, com outros 500 feirantes para um dos galpões da Companhia de Docas do Estado da Bahia (CODEBA), atualmente conhecido como Galpão Água de Meninos, por conta da revitalização da Feira que teve seu início em 2011.

O cheiro de incenso e folhas proveniente das casas de Umbanda que dividem o mesmo galpão confunde o olfato dos transeuntes com o aroma da

feijoada que exala da panela de Dona Sônia. A rotina dessa senhora de 46 anos começa às 6h da manhã quando chega à Feira para preparar todos os pratos que vai servir ao longo do dia. O maior movimento é de terça à sexta, segundo ela. “Quando os trabalhadores das empresas de ônibus, das docas e dos arredores da feira vêm almoçar”, conta. Com o dinheiro que ganha, ela e o marido - que também é feirante - pagam a faculdade de Enfermagem da filha mais velha.

A maior

A Feira de São Joaquim, localizada na cidade Baixa, entre a Baía de Todos os Santos e a Avenida Oscar Pontes, no Comércio, é a maior feira livre da Bahia, com 37 mil metros quadrados. Teve sua origem no comércio praticado na rampa do mercado, em frente ao atual Mercado Modelo, na década de 1950. Com mais de 2,2 mil unidades comerciais e mais de 3,3 mil feirantes, é possível encontrar de animais vivos a capas de celular.

Na parte antiga da feira, a lama do chão se mistura com restos de frutas, de feijão, de carnes, miúdos, sangue e fezes de animais. O cheiro é enjoado e característico de locais com aglomeração. Os sons são variados; televisões em meio a sacas de laranja contam as notícias da manhã; os rádios sintonizam o arrocha, mas o que predomina são as vozes dos feirantes e compradores a discutir os preços das ofertas. “Cinquenta quiabos a 3 reais, o meu é melhor que o da concorrência, freguês”, ofertam.

Tradicional

Em uma das vielas da feira, precisamente na Quadra 07, rua nº 13 – ou rua da Farinha, encontra-se o Bar do Papada. Com sede ali há 47 anos, o bar é conhecido pelo churrasco com feijoada, prato tradicional e o único servido no local, ao preço de R\$2. “Quando saía do Bloco Filhos de Ghandi, no Carnaval, era certo vir na Feira comer o Churrasco de Papada”, diz Osvaldino Machado, 56, cliente assíduo.

Após a morte de Papada, seu filho Adailton passou a tomar conta do bar. “Há 22 anos que trabalho aqui e nunca trabalhei em outro lugar”, conta ele enquanto amola as facas utilizadas para cortar a carne.

Todos os ingredientes para a feijoada e o churrasco são comprados na própria feira. “Não tem necessidade de comprar fora, aqui dentro temos de tudo e a preços menores do que nos supermercados, sem contar que todo mundo se conhece, dá até para comprar fiado”, brinca.

O bar já foi um dos mais movimentados da feira, mas atualmente, dizem os comerciantes, enfrenta um período de “vacas magras”. Adailton culpa a “contínua e inacabada revitalização promovida pelo Governo do Estado” pela diminuição da freguesia.

Da feira para o restaurante

O baixo preço dos produtos é um dos principais

atrativos pelos quais Leila Carreiro, dona e chef de um requintado restaurante da cidade, recorre à feira. Criado em 2006 com a proposta de resgatar as comidas típicas regionais servidas nas feiras livres da Bahia, o restaurante serve pratos como moqueca de feijão, feijoada de frutos do mar e moqueca de índio, que trazem um requinte para a culinária tradicional das feiras.

Leila conta que ao iniciar o projeto do restaurante peregrinou pelas feiras de Salvador e do Recôncavo em busca de influências alimentícias e de decoração para compor o clima desejado. Ela se declara uma apaixonada pelas feiras. Semanalmente compra horti-fruti em uma barraca específica que recebe os produtos frescos da Ceasa. Um ponto que a preocupa e decepciona é a limpeza do ambiente, ou a falta dela.

Alguns locais não seguem os padrões de higiene adequados e é comum a presença de ratos e baratas. Leila tem dúvidas sobre a preocupação de muitos feirantes com o armazenamento correto dos alimentos. “Para minha decepção, feiras como São Joaquim e Sete Portas são lugares muito insalubres para consumo de produtos alimentícios. Toda comida é saborosa se bem temperada e bem feita, mas os produtos são de origem duvidosa e nem todas as pessoas têm ‘estômago’ para este consumo”, declara.

A cozinheira Kátia Najara, que já deu aula de comida brasileira na África, gravou duas webseries e atualmente concilia a atividade de consultoria a restaurantes afirma que vai às feiras buscar referências para seus pratos. “A inspiração que tiro das feiras vem da cultura de raiz, das minhas memórias de infância, da singeleza do povo, em contraponto com o luxo e a riqueza dos nossos alimentos”, reflete. No entanto, a insegurança alimentar faz com que tenha receio de desfrutar as comidas que são preparadas nesses locais.

Primórdios

As feiras livres surgiram como pontos comerciais. Aconteciam a cada dia da semana em um local da cidade até que se fixavam em bairros, a fim de suprir a demanda das pessoas. Um bom exemplo é a Feira de Itapuá, que hoje se encontra bastante reduzida em relação a quando surgiu. Localizada na Av. Dorival Caimmy, divide desde 2012 o espaço com a Prefeitura-Bairro de Itapuá.

Entre os mariscos, pimentas e roupas, está a barraca de Dona Renilda do Bolo que vende, há mais de 20 anos, os seus bolos de milho, tapioca, carimã, além de mingaus. Com mais duas ajudan-

tes, trabalha desde às 5h de segunda a sábado. A barraca contrasta com os dois bares da feira que vendem comida pesada. Feijoada, carneiro, galinha caipira e o mocotó são os pratos vendidos nas duas portas que amontoam mesas e clientes na feira de Itapuá. “Às 6h da manhã a gente já começa a vender; o mocotó é um dos pratos que sai mais”, conta Joana, garçonete de um dos bares, enquanto serve a clientela.

Segundo a nutricionista Fernanda Bacha, comidas como a feijoada, buchada e o mocotó são consideradas “pesadas” por possuírem elevado teor de gordura e colesterol. “Esses causam a sensação de estômago cheio durante um período prolongado. Isso devido ao tempo que o nosso organismo necessita para digerir tais nutrientes”, explica. Ainda de acordo com ela, essas comidas podem contribuir para o aumento de peso, devido ao alto teor de gordura.

As Sete Portas

Ao adentrar a primeira porta da feira das Sete Portas, na direção de uma escada de degraus pretos, o aviso da vendedora de tapioca é: “Você deveria ir comer a feijoada lá no restaurante de D. Glória, é a melhor aqui da feira”. Com uma vista privilegiada da feira e das ruas do centro de Salvador, o restaurante se diferencia dos demais instalados ali. As mesas de plástico são substituídas por mesas de alumínio; o espaço também não é dividido com outras. Um único prato é servido e o garçom traz uma porção para dois de feijoada. Grãos, cal-

“
A inspiração que tiro
das feiras vem das
minhas memórias de
infância

Kátia Najara, chef

“
Quando saía do Bloco Filhos de
Ghandi, no Carnaval, era certo
vir na Feira comer o Churrasco de
Papada

No céu da boca o arco - íris

Palhaço Pedrinho leva a sua arte através do movimento “Circo sem lona”

Aline Valadares

Pareceu casual, mas o encontro foi marcado. No meio da rua, estava o palhaço Pedrinho, que anima o bairro de Cajazeira 8. Pedro Pontes, com seu sorriso colorido – por conta da prótese multi cores comprada depois de juntar dinheiro por cinco anos, caminha rápido até o ponto de ônibus. Dali, ele entrou no primeiro ônibus vazio que passou, já que qualquer um servia, como disse ele, para seguir até a sua casa-circo.

Ele mora na Cajazeira 5 com a sua esposa Sueli, com quem é casado há 40 anos. Ambos residem em um espaço dividido de dois andares: embaixo é o circo, em cima é a casa. De roupa vermelha e amarela, Pontes, que costuma falar de si em terceira pessoa, conta que a parte da casa transformada em circo há 33 anos, mesmo tempo de moradia, sede apresentações para capacitar as pessoas na arte circense – com direito até certificado.

O palhaço é o criador do único espaço cultural do bairro de Cajazeiras, conjunto habitacional famoso pelo intenso comércio, mas fragilizado no que se refere à cultura. Nascido no Garcia quando seu pai cuidava de algumas terras de lá, Pontes, hoje aos 61 anos, afirma ter descoberto que queria ser palhaço desde 8. Fazia brincadeiras com as pessoas, e elas diziam: “Esse menino é um palhaço”. E ele levou a sério.

No segundo escolar, atual Ensino Médio, estudou no Severino Vieira, colégio que ainda existe, e se formou em Técnico de Artes. “Fui habilitado para ensinar, mas meu sonho era atuar”, confessa. “Eu estudava 28 matérias por ano para ser apenas um palhaço. Hoje eu sou o palhaço”, sorri.

A partir de 1975, começou a trabalhar como palhaço de forma itinerante. Mas com o casamento e duas crianças para criar, ele deu uma pausa. “Por isso, trabalhava como metalúrgico na CEMAM (Central de Manutenção) no polo de Camaçari”. Ainda assim, fazia shows e desfilava caracterizado de palhaço na frente dos colegas de trabalho, o que lhe rendeu o apelido de “palhacinho”.

Largou o emprego formal em 1981, e além da criação do espaço cultural, iniciou o seu movimento artístico chamado “Circo sem Lona”, que leva a arte do circo “sem armá-lo”, em toda a cidade. Sem qualquer financiamento, o circo é mantido de forma independente. Os quatro filhos – hoje duas meninas e dois meninos – têm funções definidas. E é

Sueli quem cria as vestimentas. Com seu filho Eduardo, Pontes atua como “Dentado e Desdentado”, respectivamente, formando uma dupla circense. Mas esse encontro só acontece às vezes, porque a sua cria tem outro trabalho e está treinando para ser bombeiro.

O palhaço pai faz apresentações gratuitas, o que ele considera ser uma prestação social da sua arte, a qual ocorre durante 22 dias do mês, ao exemplo de uma parceria com a Rádio Sociedade, e reserva 8 dias do mês para cobrar pelas suas apre-

“

Fui habilitado para ensinar, mas meu sonho era atuar

”

sentações. “Cobramos cerca de 300 reais por hora, e às vezes fazemos um preço compartilhado, em que a pessoa paga o que pode”, explica Sueli. Pedrinho luta pela valorização da arte circense, cobrando aos órgãos públicos pelo reconhecimento do seu trabalho em Cajazeiras e em Salvador.

Sempre anda vestido com as roupas do seu circo, não dá para saber quando é Pedrinho ou é o palhaço – se é que dá para separar. Quando indagado se as cores do circo tinham algum significado, ele arrisca: Vermelho significa garra, quando estou na batalha para conseguir dinheiro, e o amarelo significa a riqueza, quando estou com um pouco de dinheiro, e ri, como quem faz piada até do drama.



Pedrinho mostra sua roupa de trabalho





Lazer no Improviso

Estação de transbordo mais conhecida de Salvador é ocupada por usuários nas noites de sexta-feira para o lazer que questionam as condições do local

Analú Ribeiro

Todo soteropolitano que utiliza o transporte público de Salvador já passou pela estação da Lapa, ao menos uma vez. Porém, o uso da estação pelos seus transeuntes tem se estendido. Nas noites de sexta-feira, o térreo da estação se transforma em um grande happy-hour daqueles que a utilizam para retornarem às suas residências.

“Sexta é o dia. Todo mundo quer beber”, afirma o vendedor ambulante, Edilson Santos. O final de semana é um momento de descontração e nas sextas a concentração de pessoas na Lapa tem sido enorme. Usuários da estação e ambulantes se amontoam em um ambiente de conversa e diversão. O cardápio varia de amendoim, queijo assado na brasa, passando por acarajé e chegando até a cerveja - a famosa “piriguete - três por cinco”.

O lazer instaurado na estação é um fenômeno recente e demonstra como a ocupação dos espaços públicos pelo cidadão influencia na intervenção pública e privada. “Esse papel de produtor gera tendências que vão formatando as ações públicas e privadas que constituem a materialidade urbana”, explica o diretor-presidente da Sociedade Brasileira de Urbanismo, Fagner Dantas. Segundo a ambulante Ellen Santana que trabalha no local há três anos, as noites da Lapa já foram bem calmas. Ela acredita que o ‘boca - a - boca’ tem favorecido a ida de pessoas para o local, e em início de mês - entre os dias 30 e 10 - as sextas são mais cheias, por que é o período que as pessoas recebem seus salários.

Se a facilidade de acesso agrada, os problemas de infraestrutura são apontados como o ponto fraco pelos usuários, já que o improvisado é a característica que define a Lapa enquanto espaço de lazer. Tanto os frequentadores do local quanto os ambulantes reclamam da falta de banheiros, barracas e mesas organizadas. Marcos Dias, frequentador assíduo da esta-

ção, reclama da falta de banheiros no local. “O lugar é legal. Sempre faço amigos, rola bastante interação. Porém, a estrutura deve ser melhorada, principalmente a colocação de banheiros químicos”, defende. Outra usuária do local, Ana Cláudia Cardoso, ressalta que um diferencial que a faz ir à Lapa é a proximidade com o ponto de ônibus, o que facilita na hora de retornar para casa. Porém, ela ainda avalia a estrutura como precária. “O ambiente é improvisado”, conclui.

Medo da Fiscalização

O ‘Rapa’ ainda é uma figura que amedronta os vendedores ambulantes. Esse medo é latente por conta do decreto municipal Nº 13.238 de 14 de setembro de 2001 que proíbe a venda de bebidas alcoólicas no interior das estações de transbordo. O ambulante Jackson Santos, que trabalha como ambulante há quatro anos, afirma que a fiscalização nos períodos de eleição é mais branda. Segundo o vendedor, quando a fiscalização chega ao local sempre apreende muitas mercadorias dos ambulantes, que vivem um estado de medo constante. “Hoje, por exemplo, soubemos que eles viriam às 19h, mas até agora nada”, destaca Santos ao demonstrar o clima de insegurança que trabalha.

No início de 2013, o Ministério Público recomendou à Secretaria Municipal de Gestão de Salvador que realizasse um ordenamento dos ambulantes na cidade.

Segundo a ambulante Ellen Santana, existe uma proposta da Prefeitura de construir barracas e colocar os ambulantes na entrada da estação, porém até o momento nada foi feito. Em nota, a administração da estação informou que por conta do processo de privatização que ainda não foi confirmado, por hora não se tem nenhuma medida a ser tomada sobre o ordena-

mento dos ambulantes. “A privatização ainda não foi confirmada oficialmente e estamos aguardando isso para tomar alguma medida”, explica Walter Nascimento, chefe das permissões e gerências da Gerência de Urbanização (Geurb).

Sem Brigas

Mesmo com todos os problemas relatados por aqueles que frequentam a Lapa nas noites de sexta-feira, o lazer na estação tem suas qualidades. Com um constante policiamento, a ausência de brigas é um dos fatores positivos do local. “Há deficientes mentais que aparecem nus, pessoas bêbadas que pagam micos, mas brigas eu nunca presenciei”, relata a vendedora Fânia Matos. Segundo policiais que atuam na estação, no térreo da Lapa furtos e confusões não ocorrem com grande incidência, sobretudo com a presença do posto policial no local. As ocorrências geralmente são mais incisivas ao redor da estação, onde a atuação da polícia militar é menor.

Segundo os agentes que atuam na Lapa, o efetivo a noite conta com seis policiais que nem sempre conseguem dar conta de toda a estação. “E hoje tá bom. No passado eram apenas dois policiais”, relatam. Assim como Fânia, o ambulante Jackson Santos relata que há muito tempo não vê uma briga nas noites da Lapa e destaca a cumplicidade entre os vendedores como um ponto forte da estação. Quando indagado se gosta de trabalhar no local, o vendedor dispara - “aqui é bom, a gente se diverte”.

“Aqui é bom, a gente se diverte”

Tá a fim de curtir a noite na Lapa? Confira a média de preços das bebidas:

Piriguete - três por R\$5,00

Refrigerante - R\$ 3,00

Água - R\$2,00

Obras de Ingmar Bergman são adaptadas para o teatro

Projeto “Bergman no Teatro” leva obras do cineasta sueco para o palco

Eduardo Bittencourt

Adaptar uma obra do cinema para o teatro requer desafios muito maiores do que uma simples montagem teatral. Isto porque há diferenças de linguagem entre essas duas formas de expressão artística como, por exemplo, a interação com o público. Esse é o desafio do projeto “Bergman no Teatro”, idealizado pela atriz Cristina Leifer, que tem como proposta adaptar as obras cinematográficas do cineasta sueco Ingmar Bergman para o teatro.

O projeto começou a ser maturado pela atriz em 2010. Leifer - que conheceu a obra de Bergman ainda em sua adolescência, quando assistiu ao filme *O Sétimo Selo* - afirma que escolheu *Sonata de Outono* para começar o projeto, pois este aborda a relação mãe-filha. “A função deste projeto é trazer a discussão da condição humana”, explica. Após a escolha do filme, Leifer entrou em contato com a Fundação Ingmar Bergman, na Suécia, para adquirir os direitos autorais sobre a obra, negociação conduzida por Michael Callahan. A direção do espetáculo ficou por conta do paulista, Aimar Labaki.

Escrito para o edital da Fundação Cultural do Estado da Bahia, o projeto só conseguiu o apoio financeiro em segunda instância. “A gente recebe uma parcela pequena de ajuda. Para concretizar o projeto, tive que realizar parcerias”, relata a idealizadora do projeto que contou também com apoio da Aliança Francesa São Paulo, dentre outros.

Sonata de Outono

Escolhida para abrir o projeto, *Sonata de Outono* conta a visita de Charlotte, uma pianista que sempre deixou a família em segundo plano, a sua filha Eva. No decorrer do enredo, a frustração e a mágoa entre as duas personagens vão crescendo até chegar no clímax da história: o embate entre as duas.

Antes do processo de edição, a apresentação teatral possuía mais de duas horas de duração. O elenco é formado pelos atores Thaia Perez, Plínio Soares e a própria Leifer. Os atores tiveram apenas um mês e meio de ensaios antes da estreia. Para que a adaptação ficasse pronta no tempo certo, eles ensaiavam em torno de quatro horas por dia.



Bruna Castelo Branco

Sonata de Outono ficou em cartaz no teatro Martin Gonçalves, de 2 de maio a 1 de Junho. A ideia é que o espetáculo corra o mundo. “Provavelmente, depois da Copa, a gente vai fazer uma temporada em São Paulo, mas ainda está em negociação. Queremos participar de festivais e, em paralelo, ir produzindo a próxima adaptação”, explica Cristina.

Por tratar de um tema tão universal como a condição humana, *Sonata de Outono* é ideal para quem quer refletir sobre essas questões. Essa é a opinião do metalúrgico José Araújo, 50, que foi assistir ao espetáculo em seu último fim de semana em exibição em Salvador. O crítico de cinema e professor da Universidade Federal da Bahia, André Setaro – falecido recentemente - acredita que o projeto possa trazer à tona as obras de Bergman que não encontram grande circulação. “O espectador mais interessado que vir a peça vai querer também conhecer o filme. Isso é um incentivo ao conhecimento da obra de Bergman”, acredita.

Para Além dos Palcos

O objetivo do projeto não era apenas produzir adaptações das obras de Bergman para o teatro, mas que as pessoas refletissem sobre a obra do

cineasta. A primeira etapa do projeto ocorreu no mês de março, quando aconteceu na Sala Walter da Silveira, a Mostra Ingmar Bergman, com exibição dos principais filmes do cineasta e um curso sobre o cinema do autor ministrado pelo professor paulista, Sérgio Rizzo, além de uma mesa-redonda sobre a interface teatro/cinema a partir da obra de Bergman.

Ernst Ingmar Bergman nasceu em Uppsala, na Suécia. Estudou na Universidade de Estocolmo onde se interessou por teatro e, mais tarde, por cinema. Em 1944, escreveu seu primeiro filme, *Tormenta*. Entre os anos de 1944 e 2003, Bergman dirigiu e/ou escreveu mais de 40 filmes. Ingmar Bergman morreu em 30 de julho de 2007, aos 89 anos.

A obra de Bergman é conhecida por tratar de temas referentes à condição humana. Para Setaro, todos os críticos são unânimes em considerar Bergman um dos maiores cineastas da história do cinema, pois utilizou do veículo cinematográfico como um conduto para filosofar sobre a vida. “O cinema para ele é um veículo de reflexão sobre a condição humana, sobre a incomunicabilidade que existe entre os seres humanos”, explica.

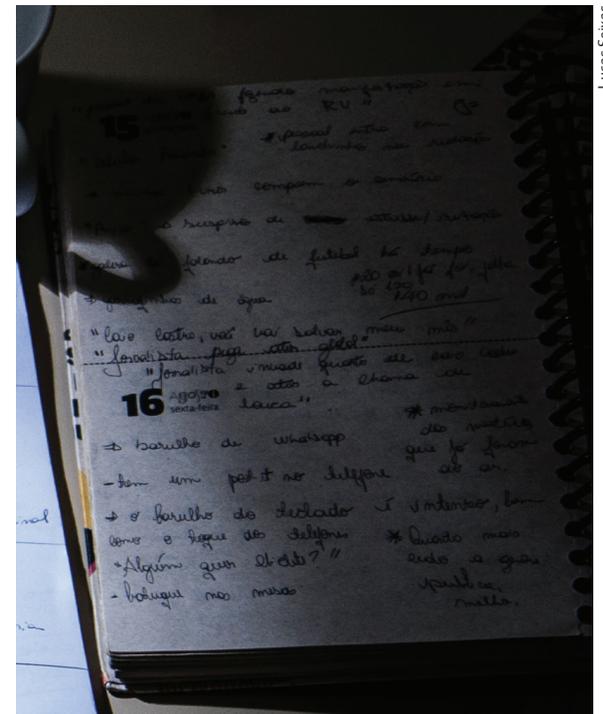
“Bergman pode ser considerado um dos maiores cineastas da história do cinema”

Liberdade de expressão em pauta

Caso do jornalista baiano Aguirre Peixoto desafia a liberdade de expressão



Lucas Seixas



Lucas Seixas

Debora Rezende

Salvador, dezembro de dois mil e dez. O jornalista Aguirre Peixoto, até então repórter do jornal A Tarde, publica uma matéria na qual aponta a denúncia do Ministério Público Federal a irregularidades na licença ambiental de construtoras da Avenida Luiz Viana Filho (Paralela). Pouco tempo depois, um processo. Dois. Três. Quatro processos. Agora, condenado em primeira instância – a etapa inicial da hierarquia jurídica, o jornalista baiano, que atualmente trabalha na Folha de S. Paulo, protagoniza uma grave afronta à liberdade de imprensa e, no seu caso, levanta questionamentos: até onde o interesse privado influencia no trabalho de um jornalista? O caso de Aguirre Peixoto gira em torno das construções do Parque Tecnológico da Av. Paralela, a Tecnovia. Segundo a denúncia feita pelo Ministério Público Federal (MPF), em 29 de novembro de 2010, as obras do Parque estariam sendo realizadas em desacordo com as normas de proteção ambiental para a área de Mata Atlântica que compreende o Parque, totalizando atualmente 581 mil m². Tal denúncia instaurou uma ação penal que poderia ou não resultar em uma pena de prisão. O erro que levou à condenação de Peixoto foi declarar, na matéria, que o procurador do MPF havia pedido a prisão dos empreiteiros responsáveis ao invés de dizer que o MPF havia pedido inicialmente apenas a condenação dos empresários envolvidos.

As matérias, publicadas nos dias 3 e 4 de dezembro de 2010, continham informações juridicamente imprecisas, explica o advogado de Peixoto, João Daniel Jacobina. De fato, a declaração do MPF poderia resultar na pena de prisão dos envolvidos, afirma a defesa. Jacobina explica que a imprecisão divulgada por Aguirre Peixoto decorre da sua falta de conhecimento jurídico. O MPF pediu a condenação dos empresários. Ele [o jornalista] interpretou que o Ministério havia pedido a prisão. E, em último caso, poderia ter sido isso. O que Aguirre Peixoto não considerou foi que, em vez de prisão os conde-

nados, o caso poderia culminar em penas alternativas. “Ele extraiu uma conclusão a partir de dados que foram passados”, explica Jacobina.

Para o juiz que sentenciou o primeiro processo contra Aguirre Peixoto, Antônio Silva Pereira, a realidade é outra. Na sentença divulgada em 22 de abril deste ano, em relação ao primeiro processo contra o jornalista - ação movida pelo empresário Humberto Riella Sobrinho - o juiz afirma que Peixoto agiu de forma maldosa e “determinado a macular a honra do empresário”. “Nota-se que o querelado [o jornalista] foi o autor da publicação difamatória contra

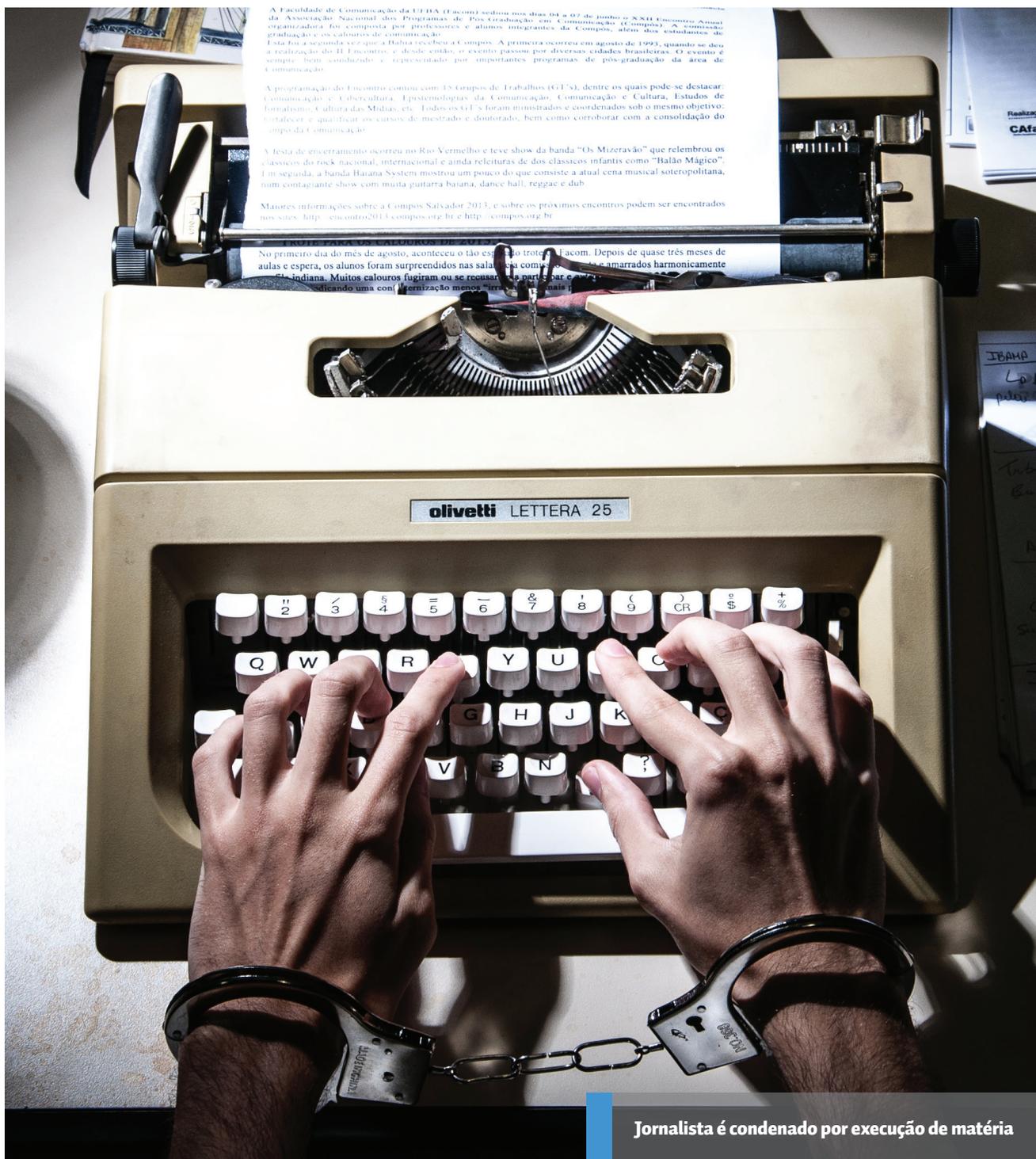
“

Quando você publica uma matéria e ela é assinada, alguém mandou você fazer

”

o querelante [o empresário], e é quem deve ser responsabilizado criminalmente pela matéria”, consta na sentença.

O que o juiz Antônio Silva Pereira não considera é o fato de o jornalista ter sido designado para as reportagens em questão pelo jornal A Tarde. Não foi uma escolha pessoal e algo que justificasse as acusações de crime contra a honra, diz o advogado de Peixoto. A defesa alega ainda que o jornalista tentou entrar em contato com os empresários para dar o direito de resposta enquanto escrevia as matérias. Ele, no entanto, afirma não ter obtido resposta.



Lucas Seixas

Jornalista é condenado por execução de matéria

A condenação

O caso de Aguirre Peixoto teve dois momentos significativos: o anúncio das ações movidas contra o jornalista, feito no período da publicação das matérias, e o anúncio da condenação de Peixoto, feito em fevereiro deste ano. Nos dois momentos, a insatisfação, principalmente da comunidade jornalística, advém do processo envolver apenas Aguirre, e não a instituição para qual trabalhava. “Quando você publica uma matéria e ela é assinada, alguém mandou você fazer”, explica o jornalista Biaggio Talento, repórter do jornal A Tarde e pai de Peixoto. “Essas matérias só são publicadas se a direção do jornal deixar”, completa.

Ainda assim, tanto no caso de Aguirre quanto no de outros jornalistas que são processados em si-

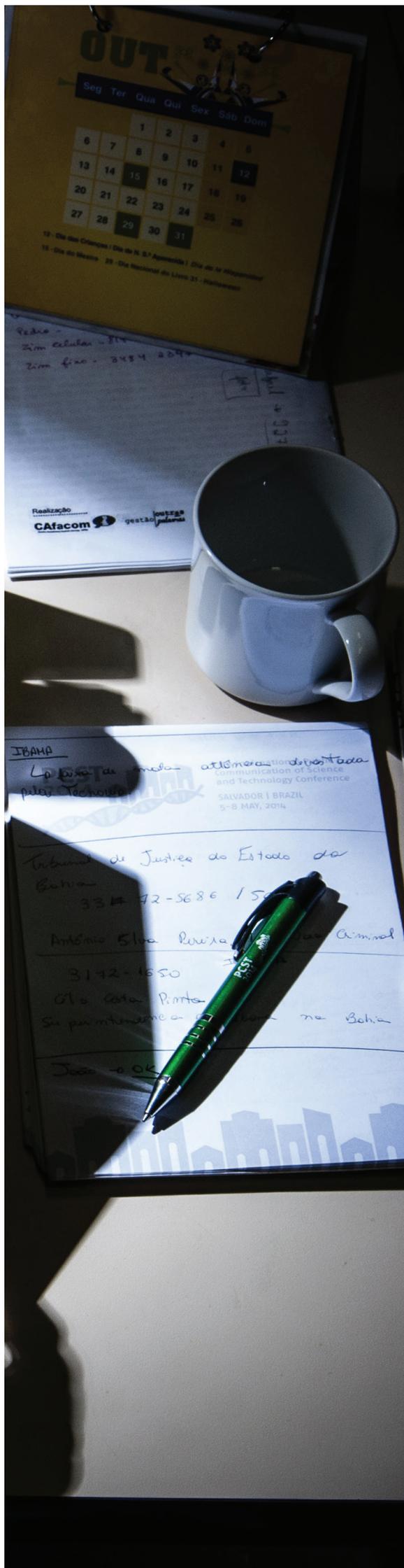
tuação semelhante, como Regina Bochicchio e Biaggio Talento, ambos ainda funcionários do jornal A Tarde, o nome do veículo fica de fora do processo. De acordo com o próprio Biaggio Talento, essa é uma forma de intimidar o trabalho do jornalista. “É como se desse um recado: ‘olha, se você fizer isso de novo, a gente vai outra vez lhe processar’”, diz.

A corda no pescoço

Após divulgada a condenação, a defesa de Aguirre Peixoto entrou com o pedido de recurso e do afastamento do juiz do caso. O jornalista escreveu duas matérias que estão sendo julgadas separadamente a fim de acarretar mais ações contra o ele, explicou o advogado de defesa. Cada um dos quatro empresários citados na matéria – Carlos Suarez, Francis-

co Bastos, André Duarte Teixeira e Humberto Riella Sobrinho, cujo processo foi o primeiro a ser julgado e acarretou na condenação de Peixoto – entrou com uma ação contra Peixoto.

Para o advogado Jacobina, é bastante claro que, uma vez tendo decidido em favor dos empresários, o juiz Antônio Silva Pereira dificilmente terá uma sentença favorável à Peixoto nos próximos processos. “Se ele já julgou o primeiro caso e já condenou, então as outras ações eu não preciso ter bola de cristal para adivinhar como é que ele vai sentenciar”, diz Jacobina. Os outros três processos ainda não têm data para serem julgados. O que a defesa do jornalista pede é que as ações sejam unificadas, uma vez que a matéria escrita por Peixoto era um texto único que trazia o nome dos empresários. No entanto, de acordo com Jacobina,



a fragmentação dos processos é uma maneira de acumular ações contra o jornalista e garantir um maior número de condenações.

Procurado, Aguirre Peixoto, declarou que evita dar entrevistas para não se expor com o caso – ele não corre o risco de ir preso. Para crimes contra a honra, como nesse caso, a punição geralmente é alternativa: o jornalista terá que prestar seis meses e seis dias de serviços comunitários, além do pagamento de dez salários mínimos, o equivalente a R\$ 7.240,00. Mas os impactos da condenação de Peixoto vão além disso. Ela implica em uma alteração nas práticas jornalísticas, uma vez que o profissional se vê passível de ser criminalmente responsabilizado por eventuais reportagens, o que representa uma perda para a sociedade.

“Somos todos responsáveis”

À época da matéria, Aguirre Peixoto foi afastado do jornal A Tarde. Segundo o que tem sido amplamente divulgado pela imprensa, esse afastamento teria sido na verdade uma demissão, o que ocasionou a mobilização dos jornalistas do veículo em fevereiro de 2011, que entraram em greve. No entanto, um dos sócios do jornal, Sylvio Simões, afirmou a esta reportagem que houve uma posição da diretoria em relação ao caso e Peixoto foi afastado, tendo sido reintegrado logo depois. Em entrevista ao JF, Simões afirmou que todos os envolvidos na hierarquia de funcionamento de um jornal são responsáveis pelas matérias divulgadas. “A minha concepção é que todos nós somos responsáveis: desde o jornalista ao editor, aos sócios, todos são responsáveis pela atividade que desempenham juntos”, explica. A frequência de processos contra jornalistas representa um problema para a imprensa justamente por conta da inibição da atividade, ainda de acordo com Simões. “No entanto, a atividade jornalística não deve parar por conta disso”. Mesmo após o caso, matérias investigativas continuam sendo publicadas pelo jornal A Tarde, defende Sylvio Simões.

As construtoras envolvidas no processo são potenciais anunciantes do jornal, o que seria um dos motivos pelos quais Aguirre Peixoto havia sido afastado do veículo. Sylvio Simões, no entanto, afirma que isso não é motivo para que um profissional seja afastado. De acordo com ele, grandes construtoras anunciam no A Tarde e, ainda assim, reportagens contra elas são feitas quando necessário.

A voz das instituições

Os casos de processos contra jornalistas têm sido, ultimamente, cada vez mais frequentes. A presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia (Sinjorba), Marjorie

“

Se ele já julgou o primeiro caso e já condenou, então os outros dois casos eu não preciso ter bola de cristal para adivinhar como é que ele vai sentenciar

”

Moura, explica que essa tendência é fruto da falta de uma legislação que proteja o trabalho dos profissionais de imprensa. “Os jornalistas se mostram solidários ao caso de Aguirre Peixoto, pois todos sofrem, à sua maneira, o mesmo tipo de repressão”, sublinha.

A condenação do jornalista é tida pelas instituições que discutem a atuação dos profissionais da área, a exemplo da Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas) e a ABI (Associação Baiana de Imprensa), como o maior atentado à liberdade de imprensa desde o fim da Ditadura Militar, segundo Ernesto Marques, vice-presidente da ABI. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) também se mostrou favorável à Aguirre Peixoto, ao divulgar uma nota oficial em seu site afirmando que a decisão de sentenciar um jornalista pela publicação de um texto pode ser qualificada como um atestado à liberdade de imprensa.

Além disso, na mesa de discussão promovida pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia, o Sinjorba, em 16 de maio passado no auditório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, com o tema “Jornalistas processados pelo exercício profissional”, foram discutidas as dificuldades para o exercício do jornalismo hoje em dia no Brasil, uma vez que os interesses das empresas privadas têm sido postos à frente quando o assunto ameaça o bem estar financeiro dos veículos, e os jornalistas se veem ameaçados e impedidos de desempenhar suas funções temendo represálias.

Hoje, Aguirre Peixoto é repórter da Folha de S. Paulo e continua fazendo matérias investigativas e de denúncia. Procurada, a defesa de Humberto Riella Sobrinho não manifestou até o fechamento dessa reportagem.

Histórias de 64

Iracy Picanço, Harildo Deda e Arno Brichta relembram os rumos que tomaram a partir de 64

Bruna Castelo Branco

Depois de uma madrugada tumultuosa com levantes em quartéis de diversos estados, a manhã de primeiro de abril de 1964 parecia, para alguns brasileiros, a calma que o país precisava. Para outros, era o início de uma temporada obscura e turbulenta. É partir de relatos de ex-estudantes e professores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que relembramos este evento que acaba de completar 50 anos de história.

As consequências do Golpe estão longe de ser meramente políticas: diversas instituições passaram por mudanças. Entre elas, as produções artísticas, os sindicatos e as universidades. Professores foram cassados e demitidos e houve uma explosão de greves estudantis.

Histórias de resistência e convivência

A UFBA sofreu consequências imediatas com a mudança de governo. Cortaram-se diretores e departamentos. A autonomia foi vulnerada, seus membros, perseguidos. A Comissão Milton Santos de Memória e Verdade da UFBA está reunindo memórias e documentos daqueles que tinham alguma relação com a universidade nos anos da ditadura. A Comissão, presidida pelo professor Othon Jambeiro, realizou a 12ª oitiva no dia 20 de maio, em que reuniu depoimentos de três docentes, Iracy Picanço, Harildo Deda e Arno Brichta.

Professores universitários e estudantes foram presos, alguns torturados e outros afastados. Reuniremos, a seguir, histórias de personagens que viveram os anos de chumbo na universidade.

“

Não somos vítimas. Somos sobreviventes

“

Os europeus são traumatizados com as Guerras Mundiais. Lá eles falam muito 'guerra, nunca mais'. Aqui no Brasil nós falamos 'ditadura, nunca mais'

“Ela frequenta o 51?”

Iracy Picanço, 75 anos, docente aposentada da Faculdade de Educação, de origem proletária, cresceu em um universo sindicalista. Em 1964, Iracy era professora da UFBA. Logo que o novo regime foi instaurado, seus dois irmãos, Pedro e Nei Castro foram perseguidos e presos. Iracy, com um histórico de projetos sociais e a recente filiação ao Partido Comunista Brasileiro, era um alvo previsível dos dirigentes do novo regime. Um dia, conta, estava no apartamento 51 em um prédio no bairro 2 de Julho, onde alguns jovens costumavam se encontrar para planejar ações sociais. Foi neste dia que Iracy presenciou o maior ato de solidariedade de sua vida. Um jipe militar apareceu em frente ao prédio e logo chegou a notícia: “Vieram buscar Iracy”. Machado, docente na Faculdade de Economia, a ajudou a sair pelos fundos do prédio e abrigou a moça em sua casa. Pouco tempo depois, Iracy foi orientada, por amigos, a não voltar mais à UFBA. Foi a primeira demissão, de muitas, que Iracy sofreu no período da Ditadura Militar.

As 95 teses de Harildo

“Não somos vítimas. Somos sobreviventes”. É assim que começa o depoimento de Harildo Deda, ator de 74 anos, sergipano que estudou e ensinou na UFBA. Cursos de letras, direito e teatro: “Era uma tortura preparar a peça por dois meses, e depois ter um ensaio de censura para avaliarem se poderia ou não ter a estreia”. Acusado de ser comunista, o ator e dois amigos fugiram de Salvador. E foi aí que Harildo viveu o momento mais triste de sua vida: quando ele e seus amigos chegaram a Alagoinhas,



Milena Abreu

Dezenas de jovens estudantes, secundaristas e universitários, foram mortos, torturados, e muitos estão desaparecidos desde a Ditadura Militar

decidiram que era mais seguro que ficassem separados. Assim, Harildo ficou em Alagoinhas e seus companheiros partiram. Em 1966, o ator volta para a Escola de Teatro e termina o curso em 1970. De origem protestante, Harildo termina citando uma frase das 95 Teses de Lutero: “Eu permaneço, humildemente, eu permaneço”.

Ditadura, nunca mais

Paulista e geólogo formado pela USP, Arno Brichta, 68 anos, conta que no dia primeiro de abril de 1964 estava em Brasília, e viu o momento em que Leonel Brizola, deputado federal e cunhado de João Goulart, pegou um avião e partiu para o Uruguai. Brichta chegou a Salvador em 1971, prestou concurso público e entrou na UFBA como professor titular. Contrário ao governo, o professor entrou em uma organização clandestina que dava abrigo a perseguidos políticos de outros estados brasileiros. No dia 9 de julho de 1973, Arno foi descoberto e preso em um ponto de ônibus em frente ao Teatro Castro Alves. O geólogo conta que estava sozinho quando foi cercado por dezenas de homens fardados e levou uma coronhada na cabeça. “Nesse momento, passou uma senhora que assistiu a cena de olhos esbugalhados. Assustada, apertou o passo e saiu de vista”. Arno foi preso e solto diversas vezes com a ajuda de amigos. Foi torturado por Fleury e ficou mais de dois anos preso. Mesmo sem nunca ter sido demitido formalmente, a UFBA não aceitou o seu retorno depois de sua absolvição, em 1981. Para voltar a lecionar na universidade, Brichta precisou prestar concurso novamente. O professor conclui o seu relato com uma reflexão: “Os europeus são traumatizados com as Guerras Mundiais. Lá eles falam muito 'guerra, nunca mais'. Aqui no Brasil nós falamos 'ditadura, nunca mais'”.

Tratamento que cresce

Para ter uma qualidade de vida melhor, pacientes de hemodiálise tem transplante de rim como alternativa

Lorena Correia

Importante para a manutenção da vida de quem tem problemas renais, a hemodiálise no Brasil é um tratamento médico com grande quantidade de pacientes. Segundo dados do censo de 2012 da Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN), o número total estimado de pacientes no país se aproximava de 98 mil. Hipertensão arterial e diabetes são duas das principais doenças que levam o indivíduo a realizar este tratamento. “Eu sentia dores na barriga e na nuca, inchaço na perna e dificuldade de andar”, explica Gilson Pereira, 51, que passou a fazer hemodiálise há três anos devido à pressão alta.

De acordo com a Comissão Estadual de Nefrologia, Salvador possui 12 clínicas de hemodiálise e no interior são 23. “A doença renal é progressiva e irreversível e, por isso os esforços devem ser dirigidos para a identificação precoce em grupos de pacientes particularmente em risco como os diabéticos, com hipertensão arterial e os obesos”, explica o professor e pesquisador líder do Grupo de Nefrologia/ UFBA, Reinaldo Martinelli. Os pacientes fazem hemodiálise três vezes na semana, por cerca de quatro horas – o que substitui uma das funções renais, que é remover os tóxicos acumulados no organismo devido à falência dos rins –, e tendem a se adaptar a este modo de vida. “Faço exercício físico e tento ter uma vida mais saudável”, relata o paciente Geraldo Pedreira, 40, três anos realizando o tratamento.

O estudo para identificação de fatores relacionados com o prognóstico de pacientes tratados por hemodiálise (PROHEMO) teve início em 2005 e está sendo constituído como o maior estudo prospectivo na área de diálise desenvolvido no Brasil. “Os resultados mostram que o tratamento e a saúde dos pacientes têm melhorado nos últimos anos. A qualidade do procedimento que oferecemos aos pacientes em hemodiálise em Salvador não é inferior ao que é oferecida em centros dos Estados Unidos, Europa e Japão”, explica o pesquisador e coordenador do PROHEMO, Antônio Alberto Lopes.

Também atuante como co-investigador de um

estudo internacional denominado Dialysis Outcomes and Practice Pattern Study (DOPPS), que é desenvolvido nos Estados Unidos, países da Europa, Japão, Austrália e Nova Zelândia, Antônio Alberto Lopes relata que “o tratamento por hemodiálise tem melhorado tanto no Brasil quanto em outros países. Estes dois estudos tem contribuído muito para conhecer a situação dos enfermos e orientar o que deve ser feito para melhorar a qualidade do tratamento”.

Têm pacientes que realizam hemodiálise, consideram sua importância para a manutenção da vida, porém possuem reclamações. “Não gosto dos furos no braço e das agulhadas que são dadas para ligar a pessoa ao aparelho”, relata Nelmário Borges, 53, há dezesseis anos realiza o procedimento. Alternativas existem: a diálise peritoneal – técnica que utiliza a membrana peritoneal (que envolve os órgãos abdominais), servindo como um filtro do sangue, retirando excessos de água e toxinas do corpo; ela pode ser feita em casa pelo paciente, sendo também denominada de auto-diálise –, e o transplante renal.

O transplante como alternativa

Ao começar o tratamento, a maioria dos enfermos tem o nome colocado na lista de espera para o transplante de rim. Contudo, pessoas que se adaptam bem ao procedimento, que são muito idosas ou com outras enfermidades que possam trazer



Sangue de paciente é filtrado

riscos à cirurgia, não possuem o nome colocado na lista. A preparação do paciente e do doador se difere nos Estados. “Cada Estado da Federação tem um protocolo diferente, depende da faixa etária. O paciente diabético, por exemplo, realiza exames que o cardiopata não precisa”, esclarece a nefrologista Telma Passos.

Na Bahia, os serviços credenciados para realizar os transplantes com autorização do Ministério da Saúde são o Hospital Português, Hospital São Rafael, Hospital Espanhol, Hospital Ana Néri e Santa Casa de Misericórdia – Itabuna. No Estado, a doação do rim só pode ser feita após os 30 anos. “O protocolo da Bahia atualmente não aceita doadores com menos de 30 anos. O procedimento depende do histórico familiar e da compatibilidade do

“

Vejo que ele [o transplante] também é uma forma de tratamento, e não uma cura

Eva Ferreira, transplantada

”

doador e receptor”, informa a Coordenação do Sistema Estadual de Transplante (COSET). O protocolo baiano também estabelece limite de idade dos doadores, que não podem ser maiores de 70 anos.

“Quando o doador é vivo, tem que ter o grau de parentesco até o quarto grau obedecendo à linha colateral [irmãos, primos, tios, sobrinhos]. Quando não é, se torna obrigatório uma autorização judicial”, explica a nefrologista Telma Passos. A autorização é necessária para que seja evitado o tráfico de órgãos. “Há 15 anos descobri que tinha doenças policísticas renais e mesmo sabendo dos riscos, resolvi engravidar. Faz pouco mais de um ano que fiz o transplante, e vejo que ele também é uma forma de tratamento e não uma cura”, relata a transplantada Eva Ferreira, 45. O transplante de rim mal sucedido pode trazer frustrações ou complicações ao enfermo. “Fiz a cirurgia, mas o rim não foi compatível”, relata o paciente José Marcos Silva, 40, que teve de retirar o rim novo e voltar a fazer hemodiálise.

Segundo a Central Estadual de Transplantes da Bahia, cerca de mil pacientes estão na fila para transplante do rim. A Central também informa que o número de transplantes realizados em 2013 na Bahia foram 106, e de janeiro a março de 2014 foram 40. “O objetivo da diálise deveria ser manter o paciente vivo até que possa receber um transplante. Infelizmente, não é isso que acontece em nosso meio”, relata a nefrologista Maria Angélica Rabat. A COSET explica que todos os transplantes realizados são financiados pelo Sistema Único de Saú-



Tratamento que mantém a vida

Carolina Pereira



Carolina Pereira

de (SUS). O transplantado melhora a qualidade de vida, mas utiliza medicamentos contínuos (fornecidos pelo Governo Federal, Hospitais ou postos de saúde) para toda vida, assim como revisões semanais com o nefrologista.

Óbitos por doença renal

Mesmo com novas tecnologias que melhoraram o tratamento da diálise, evitando complicações que antes eram frequentes, o número de óbitos por causa de deficiência renal é preocupante. “A maior longevidade da população leva a um aumento no número de idosos que necessitam desse tipo de tratamento. A maior causa

de mortalidade nesse grupo de pacientes é a doença cardiovascular”, explica a nefrologista

“

O objetivo da diálise deveria ser manter o paciente vivo até que possa receber um transplante

Maria Angélica Rabat, nefrologista

”

de mortalidade nesse grupo de pacientes é a doença cardiovascular”, explica a nefrologista Maria Angélica Rabat. De acordo com a Secretaria Estadual de Saúde da Bahia (SESAB), no ano de 2013, o número de mortos no Estado da Bahia entre 60 e mais de 80 anos foi de 621 pessoas. Segundo um levantamento de dados de 2009 a 2014 feitos pela SESAB, o número de óbitos de pacientes submetidos ao transplante de rim, em Salvador, foi de apenas duas pessoas.

A firmeza do desequilíbrio

Coletivo PI, através da performance e intervenção urbana “Entre Saltos”, quebra e embeleza a rotina da capital soteropolitana

Lorena Morgana

Com vestidos e saias em diferentes tons de vermelho, um grupo de muitas mulheres e alguns rapazes segue silenciosamente pelas ruas da cidade, em passos vacilantes por conta do uso de apenas um salto alto. Curiosos param para contemplar aquele coro que se destaca tanto pelas cores e estilos chamativos de suas roupas, quanto pelo seu passo desequilibrado, porém ritmado. Alguns se atrevem a perguntar o que está acontecendo, aguardando inutilmente uma resposta dos performistas; outros se contentam em observar apenas. Poucos, no entanto, são aqueles que ignoram e atravessam a performance urbana Entre Saltos, realizada pelo Coletivo PI.

Em meio ao trânsito da Av. Paulista, em plena luz do dia, uma figura singular caminhava em direção oposta ao fluxo da multidão que preenchia um dos espaços urbanos mais relevantes do país. Pelo menos, foi essa a impressão de Priscilla Toscano, diretora de arte do Coletivo PI, em 2011, ao se deparar com uma mulher que caminhava aos prantos, com o rosto borrado pela maquiagem, vestida com trajes sociais e calçando apenas um sapato de salto alto no pé, enquanto segurava o outro na mão. “Por que ela não tira o outro salto? Por que permanecer nesse desequilíbrio tão incômodo?”, esses foram os questionamentos fundamentais que culminaram, dois anos depois, no projeto Entre Saltos. A intenção das performers, atrizes e arte-educadoras Priscilla Toscano, Pâmella Cruz e Natalia Vianna (fundadoras do Coletivo PI) era discutir a questão da construção de gêneros em espaços urbanos, abordando o papel da mulher e seu desequilíbrio nas ruas. As ruas, segundo Pâmella Cruz, seriam um “espaço social bélico e masculinizado – palco de encontros fugazes, onde o medo e a correria imperam”. A partir de inquietações resultantes da relação do artista com o

espaço urbano, as pesquisas e projetos do coletivo visam compreender como este espaço é transformado, quais as suas funções, além de propor novas percepções, através de intervenções e performances artísticas.

Entre Salvador

No final de maio, o Coletivo PI viajou até Salvador para finalizar o projeto Entre Saltos. Apesar da chuva, da ausência de Priscilla Toscano e dos transtornos oriundos das obras que estão sendo realizadas na capital baiana, as oficinas, a performance e a intervenção urbana ocorreram de acordo com o que foi planejado. O local que sediou as oficinas, Espaço Xisto Bahia, foi duplamente estratégico: além de ficar no centro da cidade, onde a circulação de pessoas é intensa, o local é também um dos espaços culturais mais fervilhantes da capital.

No primeiro dia da oficina, na sala Carlos Moraes, aproximadamente 20 cadeiras vermelhas e acolchoadas foram ocupadas e organizadas em um semicírculo para que todos os performistas soteropolitanos pudessem se ver. As aulas sobre intervenção urbana e performance artística foram ministradas por Pâmella Cruz e Natalia Vianna, que trouxeram, dentre várias referências, os trabalhos de artistas como Lygia

Pape, Mark Jenkins, Ana Tereza Fernández e dos Gêmeos Pandolfo. No segundo dia, a maioria dos participantes ignorou o pudor e se trocou na sala onde as araras e calçados estavam expostos, ao som da melodia da cantora espanhola Bebe e do blues de Billie Holliday.

Regado de instruções sobre como se portar na hora da performance, o último dia de oficinas foi uma aula de como manter o silêncio e a concentração sem interagir com o público. Alguns alon-

“
a rua é um espaço social
bélico e masculinizado
”



Jéssica Lemos



Jéssica Lemos

gamentos para preparar ombros, pescoço, tornozelos e quadris, e pequenos treinamentos sobre como andar da maneira menos prejudicial ao corpo. Saindo dos Barris até chegar ao Dique do Tororó, a performance durou cerca de três horas. Os sapatos pretos, peças centrais da performance, foram enlaçados nas grades de um dos decks do Dique do Tororó. A satisfação dos performistas no fim da caminhada evidenciou o revés da dúvida que motivou Priscilla Toscano em 2011: o desequilíbrio não é tão incômodo assim.

Mulheres radicais que não perdem o rebolado

Mulheres utilizam o esporte radical como uma forma de condicionamento físico e como válvula de escape para o stress do dia-a-dia.

Salete Maso

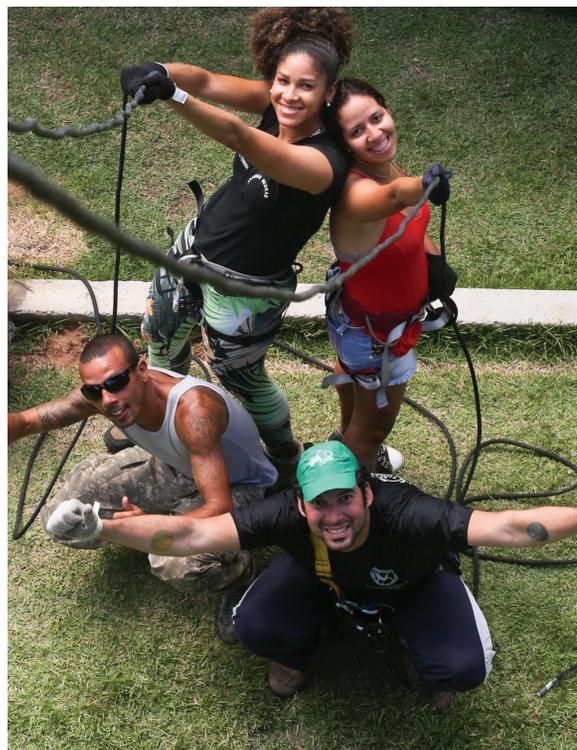
Quando o cartaz com a imagem da mulher forte dizendo "We Can Do It" ("Sim, Nós Podemos!", em português) circulou para levantar a moral de trabalhadores de uma fábrica norte-americana durante a guerra, não era possível imaginar que viraria símbolo do feminismo à partir de 1980. A imagem virou capa de revistas, selo postal dos Estados Unidos e foi utilizada para celebrar a primeira mulher a tornar-se primeira-ministra da Austrália, em 2010. O feminismo ganhou força e transformou a vida de muitas mulheres ao longo dos anos.

“ são segundos que valem o dia inteiro ”

"Quando o patrocínio é de empresa privada, a mulher tem as portas abertas mais facilmente. A imagem da mulher vende mais", diz Diana Queiroz, 36, advogada, velejadora desde 2004, que participa de campeonatos de windsurf nos últimos três anos. Muitas empresas procuram mulheres para patrocinar e associar a imagem feminina à marca. A mulher conquistou muito espaço nas últimas décadas, inclusive, nos esportes radicais.

Praticando esporte radical

É considerado esporte radical toda atividade esportiva ou de aventura que envolva maior grau de risco físico devido às variáveis como altura ou velocidade, dentre outras, em que são praticados. Para que a prática de um esporte radical seja bem sucedida é necessário haver um grande condicionamento físico e mental, além da utilização de equipamentos de segurança. A Bahia tem os melhores lugares para a prática de esportes deste tipo. Muitas mulheres têm escolhido praticar algum esporte radical, na sua maioria como hobby ou para condicionamento físico, e em menor quantidade, outras acabam adotando a modalidade profissional, o que exige muito mais esforço, treinos diários e foco.



Salete Maso

Karla Medeiros, 35, geóloga, começou praticando ginástica rítmica na infância e depois mudou para o futebol. Hoje, pratica surf há um ano e meio, além de dividir a sua rotina entre o trabalho e o marido. Dentre todas as atividades já praticadas, diz que o surf foi o seu maior desafio: "Você subir na prancha e descer nas ondas, são segundos que valem o dia inteiro. É uma emoção que só quem pratica pode descrever. É sempre um desafio diferente". Já Renata Araújo, 26, servidora pública, praticante do surf ha três meses, tempo em que mora na Bahia, veio de Minas Gerais onde praticava escalada há cinco anos. Diz que sempre gostou de praticar esporte, pois "é uma ótima forma de trabalhar a mente, tirar o stress da semana e de curtir a natureza".

Superando o preconceito e os próprios medos

Muitas mulheres não abrem mão da feminilidade e acreditam que ser esposa, ser mãe, assumir um

cargo em uma empresa e ao mesmo tempo ser atleta é possível, afinal de contas "a gente é mulher, a gente rebola, a gente sabe: mulher dá conta", como brinca Diana Medeiros, que já foi campeã baiana, campeã brasileira em 2012 e vice campeã brasileira em 2013. Como dizem o professor de surf Armando Daltro, Bi-Campeão Mundial de Surf e seu colega Peterson Sitônio, "Big Di (apelido de Diana) deixa muito homem no chinelo quando o assunto é água". Além de títulos no mar é uma verdadeira heroína como mãe e esposa.

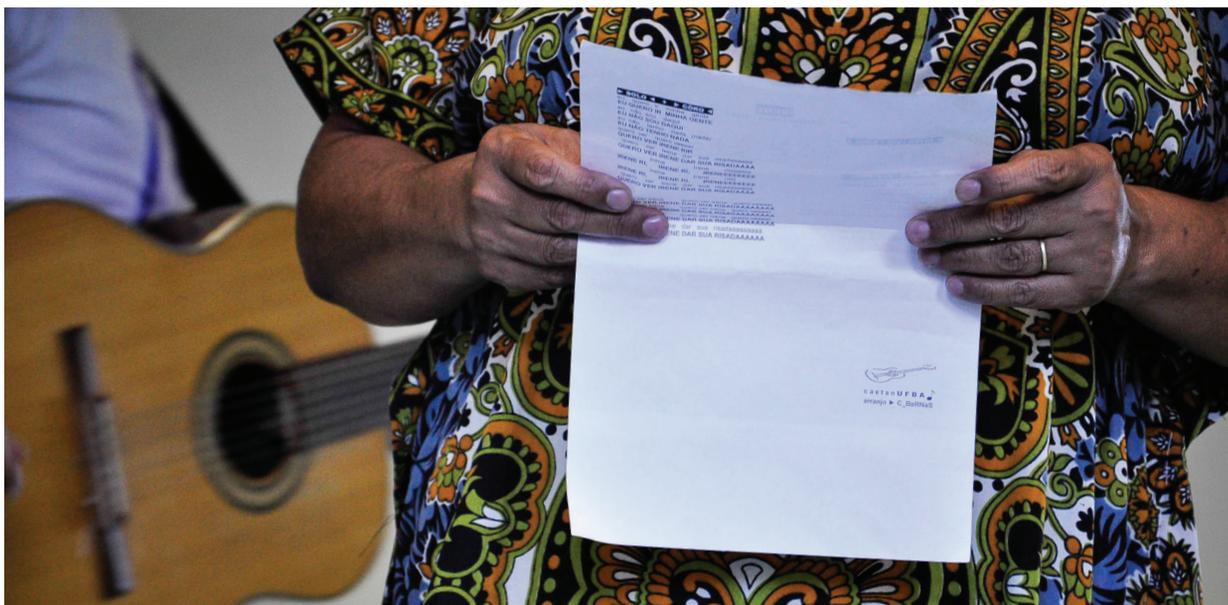
Elísia Ferreira, 33, auxiliar administrativo de segunda a sexta feira, tem os finais de semana para se dedicar à sua paixão que é o rappel, trilha e taekwondo. Começou a praticar rappel com o Grupo Aranhas Negras através de uma rede social há quase 3 anos. Elisia diz que "muitas pessoas se assustam quando descobrem o que sou capaz de fazer".

Vencendo obstáculos na vida e no esporte

Danilo Campos, 31, instrutor de rappel há 16 anos, diz que não há distinção no tratamento dado às suas alunas, "Se ela está aqui é porque ela está mostrando que é capaz", explica ele. Luciana Matos, 31, pedagoga, pratica rappel há um ano e meio, diz que sentiu muita emoção na primeira vez que desceu de rappel, que ficou nervosa e com medo, mas "depois que você sente a emoção de descer e entra em contato com a natureza, não tem como você não ir e não querer repetir". Karla Medeiros diz que "trabalhar o medo que sinto quando vejo uma onda grande, me passa uma sensação de poder e eu acabo por levar esta superação para a vida. Sou mais ousada na minha profissão". O esporte radical acaba revelando a verdadeira personalidade da mulher, diz Karla. E se algum marmanjo ainda achar que surf não é esporte para mulher, "a resposta tem que ser dentro do mar", como ela explica.

Caetano na UFBA, ou simplesmente caetanUFBA

Projeto de extensão homenageia Caetano Veloso e faz sucesso entre alunos dos BIs



Adelair Audisio

Vinícius Arnaut

Saudar Caetano Veloso se tornou uma prática divertida e de grande aprendizado para um grupo de estudantes da UFBA. Conhecido como caetanUFBA, o projeto de extensão do Instituto de Humanidades, Artes e Ciência Professor Milton Santos (IHAC) é aberto para toda a universidade e tem como objetivo pesquisar a obra de Caetano Veloso e ensaiar a prática de canto-corral (duas vozes). Idealizado por Carlinhos Bernas, ex-estudante da primeira turma do Bacharelado Interdisciplinar em Artes da UFBA, o caetanUFBA teve sua primeira edição em janeiro de 2013. No semestre 2014.1, o caetanUFBA já está em sua 4ª edição, prometendo perdurar por muito tempo.

Bernas é maestro formado pela Faculdade Vila Lobos do Rio de Janeiro, e reúne no projeto alunos que possuem, ou não, formação musical. “Eu faço arranjo pra duas vozes, para quem não é profissional da música. Eu quero inserir a arte nas pessoas através da boa música de Caetano Veloso, e elas estão ali para aprenderem e se divertirem”, relata.

A estudante do 5º semestre do BI de Artes, Elane Peruna, que está no caetanUFBA desde a primeira edição e pretende permanecer no projeto mesmo depois de formada. “O caetanUFBA é umas das melhores coisas que me aconteceram e que fará parte da minha vida até eu não puder mais ficar”.

“Quero inserir a arte nas pessoas através da boa música de Caetano Veloso, e elas estão ali para aprenderem e se divertirem”

Carlinhos Bernas, maestro do caetanUFBA

Para cada edição semestral do caetanUFBA, há em média 110 a 120 inscritos para 25 vagas. Os estudantes – oriundos de diferentes cursos como Comunicação, Letras, Biologia, História, Psicologia, Direito e dos quatros Bis (Humanidades, Ciências e Tecnologia, Artes e Saúde) – passam por um processo de audição.

Em sua quarta edição, o repertório do grupo será de nove músicas, entre elas, composições de Caetano como “De noite na cama” - que muitos pensam ser de Marisa Monte - e “Canto do povo de um lugar”, música que não está entre as mais conhecidas do compositor. “O caetanUFBA me fez gostar ainda mais de Caetano Veloso, pois descobri que existem canções lindas, que foram compostas

por ele, e que eu não sabia”, conta o estudante Tom Assis, do BI de Artes.

Para que o caetanUFBA se concretizasse, Bernas contou com o apoio da professora do BI de Artes, Marilda Santanna, que abraçou a ideia e deu o aval para que este projeto fosse implantado. “O caetanUFBA é uma ideia louvável por tornar possível um projeto de extensão com várias edições, multidisciplinar, contemplando todo o corpo discente da UFBA, indistintamente”, destaca Marilda Santanna.

Para a coordenadora do BI de Artes, Ivani Santana, o projeto é um reflexo da produção acadêmica e artística do Bacharelado Interdisciplinar de Artes. “O projeto demonstra preocupação com os aspectos históricos, sociais, artísticos, políticos e filosóficos da nossa sociedade e do mundo, sendo que essas reflexões são levadas para nossa comunidade através das músicas de Caetano Veloso, cantadas por nossos estudantes”, ressalta.

Nos quatro semestres, o grupo teve conquistas, como apresentações no Teatro Martin Gonçalves, Teatro Solar Boa Vista, Câmara Municipal e no Sarau da Família Veloso, evento organizado por Irene Veloso, irmã do compositor para quem é dedicada a música Irene, presente no repertório do caetanUFBA.

No Sarau ocorrido em 31 de janeiro de 2014, Bernas levou 10 alunos para Santo Amaro, onde estavam presentes, além de Irene, Mabel e Jota Veloso. A apresentação ocorreu no quintal da casa de Dona Canô, falecida mãe de Caetano, e surpreendeu Irene Veloso. “Foi especial e emocionante em todos os sentidos, tanto na organização, roteiro musical, harmonia, quanto na seriedade e comprometimento. O caetanUFBA é um conjunto de vozes que me deixou surpresa”.

Para a 5ª edição, Bernas deseja acrescentar, além do violão, baixo e percussões para as apresentações. O idealizador também pretende produzir um CD quando o grupo conseguir reunir em torno de 13 canções ensaiadas.